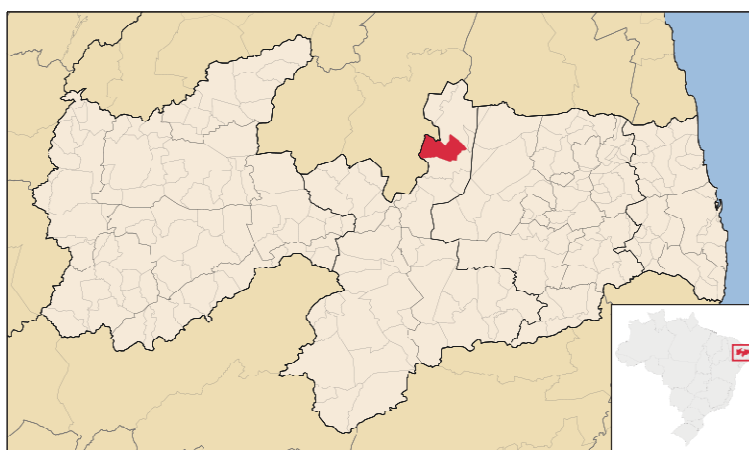


**Palavras – Chave:** História oral, memória e identidade.

O Município de Nova Palmeira localiza-se no seridó oriental do estado da Paraíba, onde tem uma população de aproximadamente 3.934 habitantes, em uma área de 310 km<sup>2</sup>, está a 243 km da capital do estado, uma cidade reconhecida pelos aspectos culturais, possuem duas escolas estaduais de ensino fundamental e médio; uma escola municipal na zona urbana do ensino fundamental, primeira e segunda fase e oito escolas municipais na zona rural, todas do ensino fundamental, primeira fase. A educação embora já tenha ultrapassado algumas barreiras pra esse município, ainda há um grande índice de evasão, repetência e defasagem.



Mapa 1 – Paraíba; em destaque, o município de Nova Palmeira. Fonte: IBGE

Com objetivo de amenizar tais situações, o centro de Educação popular – CENEP – (esta que é uma ONG não governamental que desde 1990 trabalha com a minimização do analfabetismo, repetência escolar e atuando no campo dos medicamentos fitoterápicos) viu no projeto, Biblioteca Livro em roda, a possibilidade de acelerar o processo de alfabetização, aumentar a auto-estima de alunos e tornar o habito da leitura uma prática prazerosa.

Minha percepção neste artigo não será, em partes, observar diretamente a o que o projeto se propõe e sim, entender como as estórias contadas nas rodas de leitura fazem recriar um universo de transformação na construção da vida de crianças e jovens da cidade de nova palmeira, mexendo assim no âmbito de suas memórias visuais, lingüísticas e emocionais e dar voz as chamadas promotoras de leitura, para contar suas experiências e com isso mostrar como o processo desta leitura abriu-se a possibilidades

de ampliação, modificação e reformulação da visão de mundo dos beneficiados com o projeto e de se relacionar consigo mesmo e com os outros. Trabalhando com a subjetividade destas ações podemos entender como experiências muitas vezes consideradas habituais fazem re(construir) um dos pontos-chaves para o entendimento humano, a sua identidade, já que a infância e a pré-adolescência, é a etapa da vida na qual o sujeito (criança/ jovem) está mais perceptível às mudanças que afetarão a construção e a definição desta identidade.

Durante o primeiro semestre letivo de 2008, o projeto vai surgir por intermédio de Geraldo Barreto<sup>1</sup> em parceria com a coordenadora da ONG Nega Lourdes<sup>2</sup>, conforme fala Germana Gomes<sup>3</sup>, promotora de leitura:

Bom, o livro em roda, o projeto Biblioteca livro em roda surgiu aqui em Nova Palmeira através de Geraldo Barreto, este que é amigo de Nega Lourdes. Ele conhecia esse trabalho lá no Conde, esse projeto existe lá há dez anos, era um sonho dele implantar esse projeto aqui em nossa cidade, então ele falou pra Nega Lourdes, ela foi até o Conde pra vê a experiência e gostou muito, foi a partir daí que o projeto foi implantando.

O projeto que tem por objetivo formar leitores (as), desenvolvendo atividades que buscam estimular o hábito e o prazer pela leitura, promovendo o acesso sistemático a uma grande variedade de títulos de literatura infantil – juvenil, ocorrendo da seguinte maneira, ainda nas palavras da mesma acima citada:

Ele ocorre em consonância às escolas das Redes municipais e estaduais (Urbana e Rural), acontecem toda semana, as promotoras de leitura passa em todas as escolas, cada escola tem seu dia, levamos as caixas coloridas, caixa vermelha, verde, branca, azul e amarela, cada caixa tem um nível de livro, as vermelhas são livros com menos ilustrações, as verdes livros com ilustrações, mas com mais textos, a azul com livros sem ilustrações e muito texto, a amarela livros de pesquisa e a branca

---

<sup>1</sup> Ex-professor da UFPB, editor (editora Manufatura, João Pessoa) reconhecido nacionalmente pelos seus livros de contos "Aqueles criaturas tão estranhas", "Inventário de pequenas paixões", e "O concertista e a concertina" (2006); Faleceu no ano passado. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Palmeira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Palmeira).

<sup>2</sup> Mentora e organizadora da ONG não governamental CENEP (Centro de Educação popular), que desde 1990 trabalha em pró da mobilização social pela educação, cultura, saúde e prevenção ambiental, procurando construir uma sociedade mais justa.

<sup>3</sup> GOMES, Germana. História de vida. Entrevistador: Jerferson Joyly dos Santos Medeiros. Nova Palmeira, 2009, Celular (45 mim). Convidada a fazer parte do programa Biblioteca Livro em Roda, trabalha como professora e promotora de Leitura.

com livros de histórias não verbais, para aquelas crianças de creche que não sabem lê. Ao chegar na escola, a gente primeiro vai na sala de aula lê a estória pra criança e em seguida fazemos um comentário, depois as crianças vão pra caixas escolherem os livros então é lá que elas se identificam, com qual caixa irão tirar o livrinho, elas passam 8 dias com esse livrinho em casa pra lê, com 8 dias a gente volta e elas devolvem.



**Imagem 1 - As caixas com os livros, cada uma com seu nível de leitura. Foto do acervo pessoal da promotora de leitura Manailma de Fátima.**



**Imagem 2 – As promotoras de Leitura e os alunos na escolha dos Livros. Foto do acervo pessoal da promotora de leitura Manailma.**

A história oral inserida no Brasil desde os anos 70, com fervor nas décadas de 80 e 90, conceituada por Ferreira & Amado (2000) e por Jucá (2006) tem sido debatida e congregada enquanto uma nova alternativa metodológica. Nesta perspectiva, Jucá (2006), mostra a história sendo um tipo especial de narrativa, é que se faz necessário reconhecer o alcance desta narrativa especial, para a superação dos estreitos limites da cientificidade, abrindo perspectivas de abordagens mais significativas. Deste modo, se é também através do discurso oral e das narrativas que o ser humano constrói e afirma sua identidade, indubitavelmente tais modalidades merecem nossa ênfase. Paul Thompson (1992) compreende a História Oral como uma possibilidade de trazer “vida para dentro da própria história”; tal perspectiva norteou o nosso estudo, na medida em que a voz das promotoras de leitura proporcionou uma atualidade e riqueza de detalhes sobre como essas leituras vão interagindo com essas crianças e jovens.

Em conformidade com a história oral, a memória, no sentido inicial da expressão, é a presença do passado. A memória é uma constituição intelectual e

psíquica que ocasiona o fato de uma reprodução seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um contexto social, familiar. Não oponente, conforme Peter Burke, os historiadores se interessam ou precisam se interessar pela memória, considerando dois pontos de vista: como fonte histórica e como fenômeno histórico. É como nos exemplifica Moreira:

Sob o primeiro aspecto, além de estudarem a memória com fonte para a história, os historiadores devem elaborar uma crítica da reminiscência, nos moldes da operação de análise dos documentos históricos. Na verdade, essa tarefa começou a ser cumprida em parte nos anos sessenta, quando alguns historiadores contemporâneos passaram a entender a relevância da história oral. (2005, p. 3)

E a criação de uma memória muitas vezes pode estar explícita na sociedade em vários e numerosos aspectos, a história oral é uma delas, está que pode torna-se memória, por intermédio de meios para a valorização de uma identidade, que muitas vezes já vem formado pelo conjunto de valores, neste caso de crianças e jovens, trazidas de determinados âmbitos, sejam sociais, políticos ou culturais.

Nesta pesquisa, observei o quanto à literatura passada nas rodas de leitura apresenta-se como uma aliada nesse processo de representação memorial, já que por meio de uma linguagem metafórica abordam temas simbólicos dessa nova realidade, com personagens que vivenciam circunstâncias análogas a que as crianças afrontam no mundo concreto.

Sendo demonstrando na própria fala da promotora de Leitura Manailma de Fátima<sup>4</sup> : “Uma coisa que eu acho interessante é quando passamos a leitura para eles, pois passamos a leitura dramatizando, então assim, no momento que lemos, eles já pegam o livro, já querem pegar o livro que eu li, eles já chegam em casa lendo da forma que a gente está lendo”. Representando bem a forma que eles tentam amadurecer a idéia do ato de lê e uma forma inconsciente de memorizar.

---

<sup>4</sup> FÁTIMA, Manailma. História de vida. Entrevistador: Jerferson Joyly dos Santos Medeiros. Nova Palmeira, 2009, Celular (50 min). Convidada a fazer parte do programa Biblioteca Livro em Roda, trabalha como professora e promotora de Leitura. Desenvolve trabalho na área de educação desde os 16 anos de idade, quando foi chamada por Nega Lourdes a fazer parte do Centro de Educação Popular.

E a partir de uma dada memorização, vemos realmente a construção de uma identidade, representação identitária, que chega ser muito evidente na fala de quase todas as promotoras de leitura,

As crianças que participam, as que têm oportunidade de participar do projeto, elas reconstroem sua identidade, quando a gente chega à escola elas vêem contar as história do dia a dia delas, de casa, de como ela leu aquele livrinho, e como ela se encaixa naquela estória, porque ai que a gente vê que ela está reconstruindo a identidade a construção que vai acontecendo dia a dia, gradativamente. (Germana Gomes)

Com está percepção da promotora Germana, podemos vê que reflexo das transformações promovidas pela era pós-moderna e o quanto essas identidades são reconstruídas e resignificada, como afirma Hall:

... à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (2006, p. 13)

Podendo compreender a fala da própria Manailma,

Tem casos de crianças, que eu acho muito interessante, que enquanto a promotora está contando a estória, ela fica se imaginando dentro do livro, ela se imagina um personagem da estória, um caso muito que me chamou a atenção, foi no sitio da Pedra Branca, quando uma criança me chamou e disse: “tia, eu quando eu chego em casa, que vou me deitar, antes de fechar os olhos, eu fico lembrando da estória, ai parece que eu saio dentro de mim e entro naquele livro que a senhora contou”, isso no meu olhar é como ela tivesse uma nova identidade, ela começa a construir uma nova percepção de mundo.



Imagem 3 – Alunos no momento do debate do Livro que eles escolheram. Foto do acervo pessoal da



Imagem 4 – A promotora Geanne Gomes apresentando o livro. Foto do acervo pessoal da

Neste e inúmeros casos, as memórias devem ser observadas, sob vários ângulos, pois no caso da roda de leitura, essas crianças e jovens vão começar a expressar múltiplos aspectos caracterizados destas “novas” identidades, e cada um terá uma versão diferente sobre o mesmo fato, isto é,

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado [...] sofre flutuações [...] é fenômeno construído [...] Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (POLLAK, 1992, p. 4-5).

Com isso vemos que as crianças e jovens que passam por essa nova construção não só afetará, o âmbito escolar, mas também toda o seu meio, seja familiar ou social, como podemos vê na fala de Geanne Gomes<sup>5</sup>, outra promotora de leitura:

Ao chegar em casa, as crianças ficam tão motivadas que lê a estória pra os pais, fazendo com que abra espaço até pra eles, os pais procuram lê o livro que a criança leva. As merendeiras nas escolas, já estão levando livro pra lê em casa. Foi outro aspecto que eu achei muito interessante do projeto, pois não só afetou o alunado, mas toda esfera escolar, a casos em que as merendeiras ficam tão empolgadas que chega a questionar o caráter da estória e às vezes se enquadrar nela.

A imaginação é um desempenho essencial do cérebro humano. Vemos as crianças e jovens recriar um mundo mágico a partir das estórias contadas, e para melhor entendimento Vygotsky mostra esta afirmação quando constitui quatro formas fundamentais de transação da atividade criadora do cérebro humano com a realidade. A

---

<sup>5</sup> GOMES, Geanne. História de vida. Entrevistador: Jerferson Joyly dos Santos Medeiros. Nova Palmeira, 2009, Celular (30 mim). Convidada a fazer parte do programa Biblioteca Livro em Roda, trabalha como diretora e promotora de Leitura. Faz parte do centro de Educação popular desde sua fundação.

primeira é a de que a fantasia é construída com elementos da realidade. A imaginação se apóia na experiência.

A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com que a fantasia erige os seus edifícios. Quanto mais rica seja a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe essa imaginação. Por isso a imaginação da criança é mais pobre que a imaginação do adulto, por ser menor a sua experiência (2003, p.17).

Um dos objetivos do projeto, Biblioteca Livro em Roda é justamente perceber a importância de ampliar o conhecimento da criança para que ela possa ter base para sua atividade criadora.

A segunda forma de atrelamento mostra-se pendente à primeira: a imaginação amplia a experiência do homem fazendo-o capaz de imaginar o que por ele não foi visto. Afasta-o de seus limites quando aceita assimilar experiências históricas ou sociais alheias. Neste caso, é a experiência que se apóia na fantasia. A terceira forma é chamada de enlace emocional. A quarta e última forma de atrelamento é entre realidade e fantasia consiste em que a fantasia constrói pode simular algo completamente novo, que ao receber nova forma, esta imagem convertida em objeto começa a existir no mundo e a influir sobre os demais objetos. Como podemos vê,

Um dia, os alunos (as) chegaram e me trouxeram um presente, quando eu abri, era um livro sobre a Biblioteca livro em roda, depois pediram pra fazer uma apresentação, juntamente com a professora, montaram uma cena, fizeram um carro simbolizando nossa ida, e começaram a contar a estória, no livro tinha o desenho das promotoras, quando a gente ia pra lá, como eles esperavam nossa chegada, contou toda história desde a chegada, com poemas e tudo, mas só que de uma forma mágica, fantasiosa, dando nomes fictícios a gente. Achei muito interessante e gratificante. (Manailma de Fátima)

E com a criação deste mundo imaginário que vemos a influência ocorrida diretamente na identidade, Enfático, entretanto, que um das excitações mais importante à imaginação infantil e juvenil é a narração. As histórias admitem o treinamento estável

da imaginação na qual, por meio do encanto estético e poético, as crianças admitem o mundo e constroem a si mesmas. É como afirma Girardello: “A narrativa é o elo de ligação entre a imaginação e a cultura. Por isso a nossa responsabilidade diante das histórias que a nossa cultura oferece para as crianças.”

Bakhtin diz que a linguagem não é apenas oral, mas também corporal, gestual, visual. Inclui os ditos e não ditos.

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar... Os sujeitos não adquirem a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (2004, p.108).

As relações que a criança constitui com a narrativa advêm de diferentes formas, sejam elas lingüísticas, visuais, emocionais e todas proporcionam possibilidades de dar definição à vida delas. A narrativa de ficção, por exemplo, permite, por meio de imagens emblemáticas e cheias de fantasia, que a criança busque decidir os problemas que ela vive inconscientemente. Uma das dinâmicas que auxilia a relação da criança com esta forma de narrativa é a de perceber que os heróis também possuem fraquezas diante das ameaças do mundo. Como expressa Manailma de Fátima: “Uma vez, uma aluna chegou e me disse que se sentia como a tartaruga da história, a Tartaruga e a Lebre, e gostava muito da história, pois sabia que como a tartaruga ela iria se superar”.

Após percorrer esse longo processo de amadurecimento, de observação, a criança e o jovem estarão numa fase de construção da própria memória, o percurso desta memória representará os caminhos seguidos por eles nas fases seguintes, que configurarão sabedoria e conhecimento do tempo vivido por cada um a sua maneira, a identidade nesta altura estará totalmente formada, podendo ser resignificada. A partir da análise do projeto e de minha percepção, tentei demonstrar como essa memória está sendo construída e perpetuada na identidade de crianças e jovens, A pesquisa exploratória foi construída a partir de um diálogo com essas promotoras, ao experimentar as novas metodologias (história oral, narrativas, fotos) mescladas aos conceitos da própria história oral e de memória, vi o quanto se faz necessários estudos mais aprofundados desta temática. A partir deste trajeto acima delineado me rendeu o

entendimento de que é extremamente importante, buscar conhecer-se, fazer-se conhecer, confirmar e reafirmar, a vivência real da tríade: história oral – Memória – identidade.

### Fontes Orais:

GOMES, Germana. História de vida. Entrevistador: Jerferson Joyly dos Santos Medeiros. Nova Palmeira, 2009, Celular (45 mim).

FÁTIMA, Manailma. História de vida. Entrevistador: Jerferson Joyly dos Santos Medeiros. Nova Palmeira, 2009, Celular (50 mim).

GOMES, Geanne. História de vida. Entrevistador: Jerferson Joyly dos Santos Medeiros. Nova Palmeira, 2009, Celular (30 mim).

### Referencia bibliográfica

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2004.

BURKE, Peter. **Veneza e Amsterdã: um estudo comparativo das elites no século XVI e XVII**. EICHEMBERG, Rosaura (Tradução). São Paulo: Editora Brasiliense. 1990.

GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. *Televisão e Imaginação Infantil: Histórias da Costa da Lagoa*. 1998. 349p. Tese (Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *A Imaginação no Contexto da Recepção*. ANIMUS - Revista Interamericana de Comunicação Midiática. V. II, n.1, jan-jun 2003, pp.9 a 24.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**: 10ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **O Nordeste e a História Oral: a contribuição dos grupos de pesquisa.** In: História Oral: *Revista da Associação Brasileira de história Oral*, v.9, n.2, jul-dez. 2006. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de história Oral, 2006. p. 123-135.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e memória: algumas observações.**

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n° 10, 1992.

PORTELLI, A. “O que faz a história oral”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9 n°19. pp. 219-243. set.89/fev.90.

ROSENTHAL, Gabriele. **A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e suas consequências metodológicas.** In: *Usos & Abusos da História Oral*. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p.193-200.

THOMPSON, P. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VYGOTSKY, Lev S. *La Imaginación y el arte en la infancia*. 6.ed. Madrid: Ediciones Akal, 2003.120p.